

São Paulo, 06 de março de 2007

NOTA À IMPRENSA

Preços da cesta básica continuam em alta

Em fevereiro, o preço do conjunto de gêneros alimentícios essenciais manteve o predomínio de alta, comportamento verificado em 13 das 16 capitais onde o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - realiza, mensalmente, a Pesquisa Nacional da Cesta Básica. As maiores elevações foram apuradas em Fortaleza (11,51%), Recife (8,61%), Natal (5,88%) e Belo Horizonte (5,18%). Pequenas quedas foram apuradas em Porto Alegre (-0,81%), Aracaju (-0,76%) e Florianópolis (-0,09%).

Com a retração verificada na capital gaúcha e os aumentos ocorridos em São Paulo (0,67%) e Belo Horizonte – cidades onde os produtos básicos custaram, em fevereiro, respectivamente, R\$ 185,96 e R\$ 185,37 - Porto Alegre (R\$ 184,85) deixou de ter a cesta mais cara. João Pessoa (R\$ 141,54) e Aracaju (R\$ 141,66) apresentaram os menores valores para os alimentos essenciais.

Com base no custo apurado para a cesta, em São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deveria ser suficiente para cobrir as despesas de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima que o salário mínimo necessário deveria ser, em fevereiro, de **R\$ 1.562,25** (4,46 vezes o mínimo vigente), valor ligeiramente inferior ao apurado em janeiro, quando correspondia a R\$ 1.565,61.

Variações acumuladas

Nos dois primeiros meses de 2007, a cesta básica registrou elevação em 15 capitais, parte delas com aumentos muito expressivos, como é o caso de Recife (12,70%), Vitória (9,00%), Belo Horizonte (8,09%) e Fortaleza (7,53%). Apenas em Porto Alegre (-0,74%), a variação acumulada é negativa.

Em 12 meses – entre março de 2006 e fevereiro último – nenhuma localidade apresentou variação acumulada negativa. As maiores elevações foram apuradas em Recife (17,00%), Belo Horizonte (13,90%), Belém (12,64%) e Fortaleza (12,10%). A menor alta em um ano, deu-se em Brasília: 1,69%.

TABELA
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Custo e variação da cesta básica em dezesseis capitais
Brasil – Fevereiro 2007

Capital	Variação Mensal (%)	Valor da Cesta (R\$)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de Trabalho	Variação no ano (%)	Variação Anual (%)
Fortaleza	11,51	142,93	44,22	89h 51min	7,53	12,10
Recife	8,61	148,92	46,07	93h 36min	12,70	17,00
Natal	5,88	145,81	45,11	91h 39min	3,62	9,81
Belo Horizonte	5,18	185,37	57,35	116h 31min	8,09	13,90
Salvador	4,36	143,23	44,31	90h 02min	6,25	11,79
Belém	2,33	163,21	50,49	102h 35min	3,85	12,64
Brasília	2,10	177,08	54,79	111h 18min	3,04	1,69
Vitória	2,02	172,41	53,34	108h 22min	9,00	8,16
Curitiba	1,77	173,30	53,62	108h 56min	3,17	8,85
João Pessoa	1,68	141,54	43,79	88h 58min	5,72	9,20
Goiânia	1,10	156,18	48,32	98h 10min	2,45	4,22
São Paulo	0,67	185,96	57,53	116h 53min	2,15	5,94
Rio de Janeiro	0,63	177,69	54,97	111h 41min	3,68	2,94
Florianópolis	- 0,09	171,85	53,17	108h 01min	1,93	6,79
Aracaju	-0,76	141,66	43,83	89h 03min	2,94	6,18
Porto Alegre	-0,81	184,85	57,19	116h 11min	-0,74	11,22

Fonte: DIEESE

Jornada de trabalho

Considerando-se a média simples da jornada de trabalho necessária, nas 16 capitais, para a compra da cesta básica, verifica-se que o trabalhador que ganha salário mínimo necessitou cumprir 102 horas e 37 minutos, em fevereiro. Em janeiro, a mesma aquisição comprometia 99 horas e 58 minutos, enquanto em fevereiro de 2006, exigia 110 horas e 12 minutos.

Procedimento semelhante é verificado comparando o custo médio da cesta com o salário mínimo líquido – após a dedução da parcela referente à Previdência Social. Neste

caso, verifica-se que, em fevereiro, a proporção correspondia a 50,51%, contra 49,21%, em janeiro, e 54,24%, em fevereiro do ano passado.

Os preços, no mês

A exemplo do que ocorreu em janeiro, um número pequeno de produtos – em especial o tomate e o café – registrou comportamento predominantemente altista, em fevereiro último, apesar da elevação no preço da cesta básica, em 13 capitais. Este comportamento é o oposto do verificado em fevereiro de 2006, quando 13 cidades registraram quedas.

O preço do tomate subiu em 15 capitais, sendo que em nove a alta superou 20%. Os destaques foram Recife (82,50%), Fortaleza (50,00%) e Belo Horizonte (40,25%). Em Porto Alegre a alta foi de apenas 0,70%, e a única retração foi apurada em Florianópolis (-4,40%).

Com aumento em 13 cidades, o café registrou as variações mais significativas em Curitiba (26,15%), Rio de Janeiro (14,63%) e Belo Horizonte (11,97%). Houve estabilidade em Aracaju e recuo em Belém (-1,14%) e João Pessoa (-2,02%).

O pão também se destacou pelo movimento altista, em fevereiro, com aumento em 12 localidades, os principais apurados em Porto Alegre (4,34%), Recife (3,61%) e João Pessoa (2,30%). Houve retração em São Paulo (-0,20%), Rio de Janeiro (-0,38%) e Fortaleza (-2,05%), enquanto em Goiânia o preço não se alterou.

Pesquisada apenas nas sete capitais do Norte e Nordeste, também a farinha de mandioca registrou predomínio de elevação em fevereiro pois teve aumento em cinco delas. Os destaques foram Fortaleza (21,21%) e Salvador (8,21%), enquanto foi apurada queda em João Pessoa (-2,61%) e estabilidade, em Aracaju.

A maior parte dos produtos que compõem a cesta básica tiveram queda em fevereiro. O comportamento mais marcante ocorreu com a carne, produto de maior peso da cesta e que está em plena safra. Dez capitais registraram queda em seu preço, os mais expressivos apurados em Recife (-3,44%), Natal (-3,05%), Brasília (-2,64%) e Goiânia

(-2,21%). Não houve alteração em Florianópolis e Rio de Janeiro, e das quatro localidades com elevação, apenas Fortaleza (7,30%) registrou movimento significativo.

Também o feijão, que se encontra em período da safra principal, apresentou recuo em 10 capitais, com destaque para as variações captadas em Vitória (-9,14%), Belo Horizonte (-6,67%), Rio de Janeiro (-6,55%) e Brasília (-6,25%). Os preços mantiveram-se inalterados em Curitiba, Belém e Salvador e subiram em Fortaleza (6,62%), Natal (3,95%) e Recife (2,29%).

O preço do açúcar apresentou, também, queda em 10 cidades. Destacaram-se Brasília (-4,92%), Belém (-4,79%) e João Pessoa (4,00%). Houve estabilidade em Vitória e Aracaju, e o aumento mais expressivo foi apurado em Recife (6,52%).

A banana teve, igualmente, queda em 10 capitais, com destaque para Belo Horizonte (-12,75%), Rio de Janeiro (-11,89%), João Pessoa (-11,41%) e Porto Alegre (-10,33%). No entanto, houve forte elevação em Natal (53,19%) e Fortaleza (24,25%).

Variações anuais

Quando se considera o período de 12 meses, verifica-se que 10 itens encareceram na maioria das cidades. Os principais destaques, porém, ficam com o tomate e óleo de soja, cujos preços aumentaram em todas as 16 localidades pesquisadas.

No caso do tomate, as taxas foram extraordinariamente elevadas, variando entre 48,85%, em Belém, a 231,82%, em Recife. Em oito localidades, a elevação superou 100,0%. Estas altas foram impulsionadas pelas intensas e generalizadas chuvas dos últimos três meses, que prejudicaram a produção. A estabilidade climática prevista para o próximo período deve contribuir para a queda nos preços

O óleo de soja registrou, em um ano, variações entre 8,57%, apurada em Goiânia, e 32,93%, captada em Fortaleza. A colheita da soja também foi prejudicada pelas chuvas, pois a forte umidade favorece o aparecimento de pragas. Além disso, houve aquecimento da demanda internacional, que também contribuiu para a alta da soja e de seu derivado, o óleo.

A carne – apesar do comportamento de queda em fevereiro – estava, no último mês, com preços mais elevados que há um ano, em 15 capitais. As principais elevações ocorreram em Porto Alegre (18,43%) e Fortaleza (10,58%) e a única retração verificou-se em Natal (-0,43%). No ano passado, o preço da carne ficou estagnado devido às restrições à importação impostas por muitos países em função de focos de febre aftosa. Com a suspensão destas restrições, e conseqüente retomada das exportações brasileiras, o preço da carne voltou a crescer, o que se torna visível na comparação anual.

Arroz, pão e café tiveram alta em 14 capitais em um ano. Para o arroz, os maiores aumentos foram apurados em Belém (41,48%), Belo Horizonte (28,69%) e Curitiba (24,06%). Houve queda em Goiânia (-2,76%) e Aracaju (-5,56%). Apesar desta predominância de alta, o produto está em período de colheita, o que já começou a resultar em redução de preço, tanto que em fevereiro, houve queda em nove cidades.

Os aumentos apurados no preço do pão – os principais ocorreram em Goiânia (13,22%), Florianópolis (12,90%) e Belém (11,88%) – resultaram da quebra na safra brasileira, que forçou a volta da importação em volume acima de 60. Observou-se barateamento em João Pessoa (-0,89%) e Fortaleza (-2,93%).

A alta no café resulta da pressão do mercado mundial, em função de estoques relativamente reduzidos. Os maiores aumentos anuais ocorreram em Fortaleza (29,08%), Vitória (26,01%), Curitiba (24,02%) e Florianópolis (21,39%). As reduções foram verificadas em Belém (-3,35%) e Goiânia (-7,71%).

Entre os produtos para os quais predominou a redução de preço na maioria das capitais, no período de 12 meses, estão o feijão e a batata.

O preço de feijão, com a safra em término de colheita, teve queda nas 16 cidades, destacando-se Vitória (-41,50%), Brasília (-39,19%), Rio de Janeiro (-38,25%) e Porto Alegre (-35,46%). A batata, pesquisada nas nove capitais do Centro-Sul, apresentou retração em todas elas, com taxas que variaram de -40,31%, em São Paulo, a -60,41%, no Rio de Janeiro.

São Paulo

O custo da cesta básica, em São Paulo, voltou a ser, em fevereiro, o mais elevado dentre as 16 capitais pesquisadas pelo DIEESE, com seu preço atingindo R\$ 185,96, resultado da alta de 0,67%, no mês. Nos dois primeiros meses, a alta acumulada é de 2,15%, e em 12 meses chega a 5,94%.

Apenas o tomate – com alta de 12,55% - e o café em pó – com aumento de 6,04% - registraram variação positiva em fevereiro. O leite *in natura* tipo C apresentou estabilidade, enquanto os outros 10 itens que compõem a cesta básica do paulistano tiveram queda: arroz agulhinha tipo 2 (-3,40%), feijão carioca (-2,79%), açúcar refinado (-2,68%), batata (-2,56%), manteiga (-1,96%), óleo de soja (-1,83%), banana nanica (-1,47%), carne bovina de primeira (-1,31%), farinha de trigo (-0,80%) e pão francês (-0,20%).

Na comparação com fevereiro de 2006, apenas três produtos ficaram mais baratos este ano: batata (-40,31%), feijão (-13,02%) e açúcar (-11,04%). O preço do leite ficou estável e outros nove itens subiram: manteiga (0,17%), pão (2,87%), café (3,80%), farinha de trigo (5,51%), carne (6,47%), banana (8,84%), arroz (9,23%), óleo de soja (18,13%), tomate (71,86%).

A batata apresentou preços muito elevados no início do ano passado o que determinou o aumento da produção. O crescimento da oferta, por sua vez, resultou em forte baixa no preço. O feijão encontra-se em sua principal safra e, portanto, com os preços mais baixos, tanto no mês como em um ano. O açúcar teve boa produção e, mesmo com forte demanda do mercado mundial, foi possível reduzir o preço.

O trabalhador paulistano remunerado pelo salário mínimo, em fevereiro, precisou cumprir uma jornada de 116 horas e 07 minutos, para adquirir os alimentos básicos. Esta jornada é um pouco superior a de janeiro (116 horas e 07 minutos) mas inferior à exigida em fevereiro de 2006, quando chegava a 128 horas e 44 minutos.

Outra maneira de apresentar a relação cesta/salário mínimo é a comparação do custo da cesta com o mínimo líquido, ou seja, com o desconto previdenciário. Neste caso, verifica-se que, em fevereiro, o custo da cesta representava 57,53% do salário mínimo líquido, enquanto em janeiro correspondia a 57,15% e há um ano atrás chegava a 63,36%.